



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE À DISTÂNCIA

BRUNA NASCIMENTO DE ALMEIDA

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO INFLUENCIADOR  
DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um levantamento  
bibliográfico**

JOÃO PESSOA - PB

2020

BRUNA NASCIMENTO DE ALMEIDA

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO INFLUENCIADOR  
DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um levantamento  
bibliográfico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito e título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luisa Nogueira de Amorim.

JOÃO PESSOA - PB

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A447o Almeida, Bruna Nascimento de.

Organização do espaço escolar como influenciador da aprendizagem na educação infantil: um levantamento bibliográfico / Bruna Nascimento de Almeida. - João Pessoa, 2020.

27 f.

Orientação: Ana Luisa Nogueira de Amorim.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - modalidade à distância) - UFPB/CE.

1. Espaço escolar. 2. Currículo. 3. Aprendizagem - educação infantil. I. Amorim, Ana Luisa Nogueira de. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 373.2(043.2)

BRUNA NASCIMENTO DE ALMEIDA

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO INFLUENCIADOR  
DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um levantamento  
bibliográfico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em  
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de  
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como  
requisito institucional para obtenção do título de  
Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 02/ 12/ 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



Ana Luisa Nogueira de Amorim  
Data: 26/07/2021 12:27:59-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim

Orientadora

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Veridiana Xavier Dantas

Profª. Convidada: **Veridiana Xavier Dantas**

**Pedagogia / Coordenadora**

**FACULDADE TRÊS MARIAS**

Prof. Nathália Fernandes Egito Rocha

Profª Convidada: Drª Nathália Fernandes Egito Rocha

Faculdade Três Marias - FTM

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico a Deus que permitiu com sua  
misericórdia mais uma vitória em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos vão para minha família que abdicou de minha presença para que pudesse está pesquisando e escrevendo este trabalho.

O meu esposo Erivan Barbosa Lacerda que passava horas brincando com as crianças enquanto eu produzia esse TCC.

A meus filhos Bárbara Almeida Barbosa e Heitor Almeida Barbosa que trazem luz a minha vida e me dão forças para continuar a caminhada.

A minha sobrinha Estefany Ellen Almeida Veloso que comparece aqui nos apertos para brincar com as crianças.

A minha mãe Maria José Nascimento de Almeida que me incentiva.

A minha sogra Gilsa Barbosa Lacerda que deixa sua casa para cuidar da gente.  
Muito obrigada a todos!

## **RESUMO**

A principal preocupação de uma sociedade responsável precisa ser a forma de fazer o seu presente refletir positivamente no futuro. Convidar o leitor a refletir como o ambiente/espço escolar pode influenciar a aprendizagem das crianças seria um caminho para chegar a solução. Sendo assim, o presente trabalho tem como tema o ambiente escolar e aprendizagem na educação infantil. É necessário observar este espaço e para isso buscar entender como este ambiente escolar influencia no desenvolvimento das crianças da educação infantil. Especificamente tive como objetivo identificar referências bibliográficas sobre o assunto do ambiente escolar e aprendizagem, entender como as relações Educador/aluno, aluno/ambiente, ambiente/educador persuadem o cognitivo dos sujeitos, apresentar como o ambiente escolar pode viabilizar interferências positivas do currículo-oculto assim como enumerar a positividade ao longo da vida que um ambiente adequado a aprendizagem pode apresentar

**Palavras-chave:** Espaço escolar. Currículo-oculto. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The main concern of a responsible society must be how to make its present reflect positively on the future. Inviting the reader to reflect on how the school environment/space can lead to children's learning would be a way to reach a solution. Therefore, this work has as its theme the school environment and learning in early childhood education. It is necessary to observe this space and, therefore, seek to understand how this school environment influences the development of children in kindergarten. Specifically, the objective is to identify bibliographical references on the subject of the school environment and learning, to understand how the relations Educator / student, student / environment, environment / educator persuade the cognitive of the subjects, to present how the school environment can enable related interferences of the hidden-curriculum thus how to enumerate the lifelong positivity that a suitable learning environment can present

Keywords: School space. Hidden curriculum. Learning.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2.O ESPAÇO ESCOLAR E A CRIANÇA: LUGAR DE MÚLTIPLAS RELAÇÕES..	12
2.1CONCEITO DE INFÂNCIA.....	12
2.2 AS CRIANÇAS E O AMBIENTE ESCOLAR: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM.....	15
2.3 ESTRUTURA FÍSICA DO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	16
2.1.1Flexibilidade do espaço.....	17
2.1.2Espaço relacional.....	17
2.1.3Espaço instigador.....	17
4.RESULTADO E DISCUSSÕES: Relações entre o ambiente físico e o sociológico na aprendizagem escolar.....	20
4.1 Infraestrutura escolar no Brasil.....	22
4.2 IMPRESSÕES REALIZADAS PELO AMBIENTE NA VIDA DOS SUJEITOS. .	23

## 1. INTRODUÇÃO

É perceptível em discursos diversos, que o ambiente no qual um indivíduo está inserido influencia em seu modo de pensar, de agir, de viver. A escola é um espaço onde dedicamos horas de estudo, convivemos com diversas pessoas, compartilhamos nossa vida e buscamos um saber científico desde os primeiros anos de vida. Apesar de não investirmos adequadamente em educação e de estarmos longe do adequado um brasileiro passa em média 17 anos de sua vida na escola.

Sabe-se que esse espaço não é neutro, ele está imbuído de significados e marca de quem o produz, é politizado e reprodutor cultural da sociedade externa na qual está inserido. Pode-se afirmar que esse espaço faz parte do currículo oculto, pois ele apresenta uma mensagem não verbal exposta em suas paredes, forma de organização que determina indiretamente o comportamento de todos os envolvidos.

A partir desse entendimento é compreensível que o ambiente escolar seja coerente em sua composição. Segundo Ribeiro (2004, p. 105), “o espaço material é um pano de fundo onde as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem, mesmo quando as pessoas deixam de serem crianças”.

A preocupação com a influência do ambiente escolar na vida acadêmica e social dos estudantes justifica esse estudo. Entender como as relações e o ambiente influenciam no cognitivo dos sujeitos e a partir disso poder apresentar à sociedade, meios para melhoria e construção de políticas públicas que cuidem dos nossos futuros profissionais e o caminho necessário para construção do mesmo.

No que se refere a forma como as crianças estão interagindo com o ambiente existe uma divergência gritante entre o discurso e a prática, pois o que ouve-se é que trabalha-se com teorias construtivistas, sócio interacionistas, mas no primeiro momento, ao observar a mobília da escola, vislumbra-se as crianças impossibilitadas de interagir entre si, sem autonomia de buscarem o próprio material que vão utilizar.

O ambiente escolar por muitas vezes tem pouca ventilação e iluminação, com uma TV, quando tem, no lugar mais alto da sala. O espaço de recreação é próximo às salas de aula e mesmo que sejam realizados em momentos diferentes o barulho atrapalha os que estão em outras atividades causando a dispersão.

Quanto ao Parque de recreação muitas vezes são de plástico e inadequado a todas as idades. O número de alunos é elevado para o número de profissionais em sala de aula, a rotina é por vezes engessada e acaba acontecendo por obrigação e não por

prazer, por exemplo, o horário do banho das crianças (em creches) precisa ser de forma rápida, assim é notório que as crianças obedecem a momentos, as disciplinas, mas não interagem com o meio como sujeitos ativos e sim passivos, por isso, a minha necessidade de estar escrevendo/investigando sobre o assunto.

Haja vista que houve um movimento necessário para a nova forma de vida da população, que mães precisam se ausentar por algumas horas de seus filhos na necessidade de trazer proventos para casa e estes passaram a precisar de locais de apoio adequado para continuação de um desenvolvimento sadio, o espaço escolar foi pensado e com aumento da demanda “forçado” a adequar-se ao novo cenário.

Conhecer esse movimento de mudanças do ambiente escolar e aspirar que os objetivos de aprendizagem estão sendo garantidos, assim como os direitos dos sujeitos envolvidos, a partir de análise bibliográfica é a intenção da escrita do trabalho, além de contribuir para tomada de decisão de mudanças futuras.

As referências contarão, entres outras, com as contribuições de Nilda Alves, Cesar Coll, Jesus Palácio, Antonio Frago, Michel Foucault, Mayumi Lima, Jean Piaget, Vygotsky etc.

A pesquisa será orientada por uma análise bibliográfica constituída principalmente de livros, artigos científicos, teses e dissertações, manuais, normas técnicas, revisões, trabalhos de congressos, abstracts, índices, bibliografias e meios audiovisuais. Inclui também outras formas de publicação, tais como: relatórios técnicos, método da pesquisa será qualitativo descritiva, pois, nesse método “a pesquisa é descritiva, ou seja, as informações obtidas não podem ser quantificáveis.”

Como objetivo geral iremos analisar como o ambiente escolar pode proporcionar melhor aprendizagem para as crianças da educação infantil e para isso identificar referências bibliográficas sobre o assunto do ambiente escolar e aprendizagem assim como apresentar como o ambiente escolar pode intensificar a importância do currículo oculto e enumerar a positividade ao longo da vida que um ambiente adequado a aprendizagem pode apresentar.

É necessário refletir sobre a importância do espaço escolar enquanto ambiente físico e coparticipe do currículo oculto. Será que ele influencia a aprendizagem escolar? Em busca de resposta será realizado um levantamento do material escrito exposto em plataformas digitais sobre o assunto. Como os autores abordaram essa temática?

Esse cenário leva-nos a refletir como o ambiente/espço escolar pode influenciar a aprendizagem das crianças e observar este espaço para buscar entender como este ambiente escolar influencia no desenvolvimento das crianças da educaçõ infantil e como as escritas fizeram essa abordagem.

## 2. O ESPAÇO ESCOLAR E A CRIANÇA: LUGAR DE MÚLTIPLAS RELAÇÕES

O ambiente físico na educação se faz no tempo e no espaço de forma plural. Nesse lugar acontecem reuniões pedagógicas, de pais e mestres, aulas das mais variadas expressões e por isso, ele precisa ser estudado, analisado e, conseqüentemente, modificado de acordo com as necessidades que o momento exige para refletir as relações sociais nos quais estão inseridos.

O professor, por sua vez, é o mais exigido em relação à organização desse lugar uma vez que ele planeja suas atividades, segundo o que o ambiente lhe proporcione.

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. A criança deve ter possibilidade de fazer deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das classes e à instituição, envolver-se em explorações e brincadeiras com objetos e materiais diversificados que contemplem as particularidades das diferentes idades, as condições específicas das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças, famílias e comunidade regional. (FEITOSA, 2009, p. 14)

Sendo assim é viável uma conversa técnica com esses profissionais junto a comunidade escolar pois, eles podem apresentar uma solução viável e que valorize o conhecimento ou instigue o mesmo entre os envolvidos no processo de educação.

### 2.1 CONCEITO DE INFÂNCIA

A infância desde a existência humana foi tratada de forma diferente a depender das relações sociais, da cultura ali presente e, principalmente, do interesse político, econômico e público que circundavam as comunidades.

Saber quais foram os caminhos que trilharam o conceito de infância e o porquê influenciou diretamente nas formas de vivenciar a educação infantil nos espaços direcionados a ela é fundamental para entendermos a relevância do que nesta escrita é explorado.

Quando se tem olhares voltados para essa fase da vida e um amplo conhecimento das peculiaridades desse momento é possível agir de forma adequada para que as potencialidades emerjam e reflitam posteriormente.

A esse respeito, (Bozhovich & SHUARE, 1987, p. 196)

Na primeira infância a atividade da criança se realiza predominantemente em colaboração com os adultos; na idade pré-escolar, a criança se torna capaz de satisfazer autonomamente muitas de suas necessidades e desejos; não só é capaz disso, mas quer atuar por si mesma. Como resultado, a atividade compartilhada com o adulto parece desintegrar-se e, simultaneamente, se debilita a fusão da existência da criança com a vida e a atividade dos adultos. (1987, p. 266).

Os autores nos trazem à luz a importância do tempo de infância onde o desenvolvimento diante de inéditas situações marca a introdução de novos conhecimentos que ecoarão em seu fazer social futuro.

As discussões voltadas para a infância não existiam, elas eram ignoradas. Sabe-se que não há registros de crianças até meados do século XIV. Segundo Gomes (2015, p. 3), “A criança na Idade Média (séculos XIV, XV), era considerada um adulto em miniatura, Frabboni (1998) denominou este período de “a ‘Criança-Adulto’ ou Infância Negada”, período em que a criança era ignorada e vivia à margem da sociedade”.

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade. (HEYWOOD, 2004, p. 87)

É doído nos dias atuais você considerar as crianças como “pobre animal suspirante”. Deixá-las em ambiente que valorizem o capital acima das relações de formação de valores imprescindíveis a vida toda é sufocar atitudes éticas, de respeito e dignidade para com o próximo. Posso desconfiar que os animais ‘brutos’ nos ensinaram muito sobre o cuidado com a prole e por isso, não devemos por o capital acima de qualquer relacionamento.

Não reconhecer a infância era tratar de invisíveis e nesse caso não orquestrar qualquer movimento que viabiliza-se o bem-estar nessa fase da vida. Ao passo da necessidade de abordar esses seres de maneira diferente as crianças foram ganhando espaço de forma lenta.

No início os pequenos foram reconhecidos socialmente a partir de transformações biológicas que aconteciam no corpo dos mesmos. Segundo Ariès (2006 apud. GOMES, 2015, p. 36) “[...] a primeira idade é a infância que planta os dentes, essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, o que nasce antes dessa idade é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante [...]”.

No século XIII, atribuíram-se à criança modos de pensar e sentimentos anteriores à razão e aos bons costumes. Cabia aos adultos desenvolver nelas o caráter e a razão. No lugar de procurar entender e aceitar as diferenças e semelhanças das crianças, a originalidade de seu pensamento, pensava-se nelas como páginas em branco a serem preenchidas, preparadas para a vida adulta. “A “descoberta” da infância teria de esperar pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial (HEYWOOD apud. CALDEIRA, 2004, p. 3).

Nesse caso não havia reconhecimento dos desejos das crianças que eram tidas como “marionetes” capazes de absorver o que lhe era ensinado. Eram ignoradas as suas diferenças e a isso faço analogia com o meio de produção, pois, em decorrência disso, é esmagado qualquer expressão que desvie os interesses econômicos em detrimento da moral e da ética considerado a melhor forma de construir adultos possíveis de conviver e por isso inseri-los na sociedade.

A criança era uma massa amorfa capaz de ser moldada pelos adultos. Frabboni, 1998 apud Gomes, 2015 afirma que esse período foi marcado pelo não sentimento de infância o que (re)afirma a escrita anterior. Vivendo o hoje podemos afirmar que houve mudanças significativas, mas que ainda há o que pesquisar, entender e acertar nesse público tão especial quanto às demais fases da vida humana.

Descobrir a infância, mesmo que de forma lenta, foi reconhecer as potencialidades e admitir que esses seres não estejam vazios, mas que há necessidade de apresentar caminhos a serem trilhados e ensinar como caminhar nos mesmos.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 137), por exemplo, apresenta que:

A fala das crianças traduz seus modos próprios e particulares de pensar e não pode ser confundida com um falar aleatório. Ao contrário, cabe ao professor ajudar as crianças a explicitarem, para si e para os demais, as relações e associações contidas em suas falas, valorizando a intenção comunicativa para dar continuidade aos diálogos.

A defesa do diálogo direcionado conduzido na família, na escola ou em grupos sociais faz parte da valorização da infância nos dias atuais e não pode ser confundida com falta de ordem ou liberdade em excesso. O resultado dessa valorização reflete na vida adulta e, conseqüentemente, na formação de novas gerações.

## 2.2 AS CRIANÇAS E O AMBIENTE ESCOLAR: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM

É de conhecimento empírico cultural que o ambiente onde estamos inseridos influencia as nossas ações. Com o espaço escolar não é diferente: ele fornece pistas valiosas a quem o vislumbra sobre as variadas formas de interação, trabalho didático efetivo e desenvolvimento cotidiano que ali ocorrem. Ele também acolhe ou não os alunos e profissionais da educação. Boa parte disso está na estrutura física e a outra parte fica por conta da exposição de trabalhos realizados diariamente.

Nessa perspectiva, o espaço não é um recipiente ou continente onde a educação acontece e não transborda a nenhum lugar. Como também quem adentra esse espaço se modifica instantaneamente independente de ter ou não interesse nisso. Em sentido figurado, podemos compreender que ao entrar no mar você sai impregnado de fatores bióticos e abióticos e em só observá-lo você também recebe resquícios das atividades por eles realizadas e não é o mesmo de quando chegou. Assim, é a educação e, conseqüentemente, o espaço escolar: é uma forma silenciosa de ensino na medida em que (Moreira & Souza, 2016) “transmite mensagens sobre o ensinar e o aprender” e (Frago & Escolano, 2001), “independente do tipo de interação com o mesmo.”

Discutir esses ambientes com a incumbência de organizá-lo em prol de vivências verdadeiramente significativas é comprometer-se com a ação de ensinar/aprender. O desenvolvimento pleno e integral na infância é capaz de transformar vidas constantemente para sempre, uma vez que aprendizagem é replicada em tudo que fazemos.

O papel do ambiente na educação é de fato discutido por autores de diversas correntes de pensamento. No desenvolvimento Vigotski (apud MOREIRA; SOUZA, 2016, p. 232):

o meio só pode ser compreendido a partir das relações concretas estabelecidas com a criança. Para a criança, o ambiente é o seu mundo, contexto de interações que vai se ampliando na medida em que ela vai tendo novas experiências.

Nessa afirmação de Vigotski é possível refletir que não sendo o ambiente neutro, ele reflete no íntimo de quem nele convive sensações que facilitem o ato pedagógico e o alcance dos objetivos para ele construído. Vale salientar que não há uma receita uniforme para todos os ambientes, não há um caminho padrão, uma vez que os sujeitos

diferem singularmente e, portanto, agem diversamente, porém embasam ações presentes e futuras dos agentes pedagógicos.

Quando Vigotski afirma que o ambiente é o mundo de cada criança podemos ainda afirmar que nele elas interagem e, dependendo de como o educador deixa conduzi-lo, consegue aflorar a autonomia e até mesmo a segurança do agir, refletir, interagir e modificar o espaço de vivência.

Assim, é possível concluir que o aprendizado significativo, concreto e fixo acontece, sendo necessário a presença de um terceiro educador (o ambiente). Desse (o espaço) ela (a criança) utilizará como alicerce para as demais e futuras etapas de sua vida.

### 2.3 ESTRUTURA FÍSICA DO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Entendemos como estrutura física de um ambiente escolar a quantidade de salas, se as mesmas têm janelas, a largura das portas, o ambiente de recreação, local de alimentação, quantidade de banheiros, isso inclui outros elementos como ventilação, iluminação, sala de informática, biblioteca, pracinha, refeitório, acessibilidade, etc.

Os pequenos quando chegam à escola precisam encontrar um ambiente pronto e inacabado. Essa dicotomia pautada no oposto é imprescindível uma vez que o primeiro é necessário para que as mesmas o utilizem com mínimo de riscos que as atitudes sonhadoras dessa fase possibilitam, a segunda é necessária porque defendendo a autonomia dos sujeitos que vão viver boa parte de sua vida nesse lugar por pelo menos 200 dias, sendo 4 horas em cada um deles.

O pensamento infantil é atrelado a uma galáxia onde o infinito é o limite. A importância é tornar o espaço físico o terceiro educador no fazer pedagógico, contemplando as diversas dimensões emocional, sensorial, motora, mental, socioafetiva.

O fazer pedagógico precisa considerar os canais utilizados para efetuar suas ações como corpo e mente, por exemplo. Atribuir também respostas às perguntas necessárias: Como a criança se sente? Como ela vê o espaço? O que ela mais gosta? Compreender essas respostas e tornar viável adequando essas expressões é transformar autores autônomos que interagem e agem no espaço pedagógico.

Na obra de (Guimarães & (Org.), 2012) ela trata da experiência Italiana e em especial na cidade Reggio Emilia que exitosamente tratou o espaço escolar de maneira

diferente e hoje serve de inspiração para todo o mundo. Ela trouxe como exemplo três ideias que inter cruzam entre si:

Primeiramente, a idéia da flexibilidade do espaço. Em segundo lugar, a importância do espaço apoiar os relacionamentos das crianças. Por fim, o espaço como convite à ação, à imaginação e à narratividade. (Guimarães & (Org.), 2012, p. 92)

### **2.1.1 Flexibilidade do espaço**

Sobre a flexibilidade do espaço Guimarães (2006) traz dentro da experiência de Reggio Emilia a importância da criança construir seus lugares não demarcados metricamente por alvenaria, mas criado por elas no dia a dia em relações de aprendizagem e crescimento: de respeito ao convívio social e dialogicidade no processo de demarcação de lugar.

No Brasil esses espaços são (re)significados pelas crianças quando as mesmas transformam a mobília em diferentes brinquedos na arte incessante de criar e sonhar. Mas (GOMES, 2015, p. 94) ressalta:

Espaços e objetos podem ser transformáveis até o ponto em que não atoplem as relações vigentes e necessidades coletivas. Por exemplo, um pote de tinta azul talvez não possa transformar-se num rio pela questão do desperdício, da relação com os materiais. Isso pode ser conversado, outras soluções inventadas.

Refletindo sobre a escrita de Gomes podemos insuflar nesses ambientes sentimentos de transformação e conseqüentemente aguçar nos sujeitos atitudes de pertencimento daquele lugar e por isso, importantes para suas vidas.

### **2.1.2 Espaço relacional**

Esse espaço está totalmente conceituado pela relação entre os envolvidos. As crianças tendem a formar grupos e subgrupos dentro do ambiente e este precisa ser em determinado momento facilitado pelo educador.

Sensibilizar-se a partir de observações para, na medida ideal, ingerir aguçando as múltiplas relações é tarefa difícil, porém costumeira com as repetições cotidianas. Educador precisar despir-se de pré-conceitos e eticamente vestir-se de compreensão a partir da realidade.

Entender o mundo infantil e facilitar as relações entre eles ancora o fazer pedagógico em um promissor resultado dos que ali convivem.

### 2.1.3 Espaço instigador

Sobre isso questiono junto à Guimarães (2006, p. 90)

... como as crianças usam o canal sensório no espaço? Como a diversidade de formas, cores, texturas, tamanhos mobilizam múltiplas possibilidades na construção de cenários para as narrativas?

E continua:

... que percepções sensoriais são refinadas quando a criança pode explorá-las e expressá-las (por isso a importância da luz, cor, acústica, beleza e diversidade no espaço).

Importante citar a habilidade sensório motora presente de forma mais aguçada nas crianças e que vai se perdendo com o passar do tempo e por isso, a necessidade de explorar de forma bem planejada esse momento.

A utilização de materiais diversos traz infinitos fazeres para o ambiente pedagógico: caixa de papelão, cano, pedaço de madeira, recipientes vazios, etc. É por causa disso que enfatizo a necessidade de sensibilização nas observações diárias para que a criatividade que parte deles aflore e o educador consiga viabilizar a ação.

### 3. ANÁLISE DAS ESCRITAS SOBRE O TEMA

A pesquisa foi orientada por uma análise bibliográfica que se caracteriza por ser “aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, teses e dissertações, manuais, normas técnicas, revisões, trabalhos de congressos, abstracts, índices e bibliografias, meios audiovisuais. Inclui também outras formas de publicação, tais como: relatórios técnicos, científicos, leis, contratos, pareceres, entre outros.” (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 83)

É possível perceber a partir da definição anterior que existe uma ampla área de pesquisa, uma vez que uma diversidade de material pode ser incorporada ao TCC. Vale salientar que por ser uma pesquisa bibliográfica não significa dizer que falte ineditismo pois, uma nova análise sobre um novo olhar, agregando diferentes pensamentos pode ter um desdobramento inédito que contribuirá com o campo de conhecimento científico.

O método da pesquisa foi qualitativo-descritiva pois, nesse método “a pesquisa é descritiva, ou seja, as informações obtidas não podem ser quantificáveis. Por sua vez, os dados obtidos são analisados de forma indutiva. Nesse sentido, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.” (MATIAS-PEREIRA, 2019, p. 86)

A análise de documentos foi realizada com pesquisas a partir da disponibilidade de material na biblioteca virtual da UFPB, onde os alunos têm acesso pelo SIGAA, em plataformas como SciELO, ERIC, Google **Acadêmico**, periódicos (Portal da CAPES), BDTD, Science.gov e ScienceResearch.com disponíveis no ambiente virtual.

Houve um cuidado especial na apresentação de novos trabalhos não abandonando as publicações antigas, uma vez que elas podem compor um embasamento necessário a uma análise adequada da temática do espaço escolar.

A pesquisa foi realizada de setembro a novembro de 2020.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÕES: Relações entre o ambiente físico e o sociológico na aprendizagem escolar

Ao analisar de forma mais detalhada as referências que trazem o espaço escolar à luz do estudo foram encontradas algumas escritas aqui apresentadas.

Na obra de Frago e Escolano (1998) "Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa", os autores iniciam falando que a realidade cotidiana dos processos e contextos de ensino e aprendizagem, foi e é a "caixa negra" da historiografia pedagógica. (grifo meu).

É comum na atualidade nos depararmos com discursos afirmando o espaço escolar ser o terceiro educador, mas sem medo de errar poderemos afirmar que é uma declaração nova agregada de mudanças visíveis na sociedade.

O estudo do espaço escolar foi desprezado por muito tempo e assim não houve uma análise mais sensível de como o mesmo influencia a aprendizagem dos que estão ali envolvidos.

Foi, efetivamente, dentro da história da escola como realidade social e material, como cultura específica, que a questão do espaço e do tempo escolares adquiriu importância nos últimos anos. Dentro de uma história da escola como instituição social e cultural atenta a micropolítica e a organização interna da mesma, em que a reconstrução arqueológica adquire sentido não pela mera compilação ou em numeração de objetos - uma tarefa necessária mas, insuficiente -, mas pela sua integração no esquema explicativo que interpreta e dá sentido à realidade assim reconstruída. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 13)

As realidades construídas a partir das vivências em um ambiente em que se passa boa parte da vida não poderiam ser desprezadas e podem ser melhores otimizadas com o conhecimento das impressões que causam na vida presente e futura dos estudantes.

Seria viável esmiuçar detalhadamente o quão importante se faz o convívio escolar diante do conhecimento científico uma vez que o mesmo pode determinar os caminhos a trilhar ou o porquê de quais caminhos foram trilhados a depender de qual fase está sendo analisada pelo estudo.

A relevância disso de entrelaça nos profissionais que a sociedade forma, nas relações familiares e até mesmo no sentimento de pertencimento do que está a sua volta seja este de cunho particular ou coletivo.

Sobre isso (ARANHA, 1993, p. 174) afirma que

"o comportamentalismo nega a existência dos instintos, da inteligência inata e dos dons inatos de qualquer espécie, considerados decorrentes da

aprendizagem e da influência do meio ambiente. Daí a importância da educação infantil, momento em que se desenvolvem os reflexos condicionados.”

A autora afirma postulado em nossa sociedade que é de concordância geral que a infância é um momento relevante que deve ser tratado como um diamante que precisa ser lapidado com cuidado. Não aos moldes de quem o faz mas, obedecendo as nuances apresentadas pelo mesmo a partir de cada ação.

Nosso país apresenta imensa disparidade em relação ao oferecimento de uma educação de qualidade que proporcione o direito a todos desenvolverem-se a partir do que lhes é oferecido.

Sobre isso (Goldemberg, 1993) afirma que

O Brasil apresenta, de forma agravada, algumas características próprias de países em desenvolvimento, entre as quais enorme desigualdade na distribuição da renda e imensas deficiências no sistema educacional.

Esse prejuízo se reflete no espaço escolar uma vez que sem investimento adequado e mínimo, os componentes capazes de instaurar uma aprendizagem eficiente, não aparecem ou não tem condições de funcionar e assim compromete o percurso educacional de nossas gerações.

As relações concernentes nesse espaço são tão importantes e relevantes no desenvolvimento dos sujeitos que vários autores afirmam que:

[...] A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar (GALARDINI & GIOVANNINI, 2002, p. 118) apud (VIEIRA, 2009)

Trazer a luz do debate e ventilar para a sociedade as interferências positivas e/ou negativas que o espaço escolar pode trazer a partir de sua organização é instigar a busca pela adequação do melhor lugar para as relações de trocas e conhecimento.

Nesse sentido (RINALDI, 2002, p. 77) afirma que:

O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de mais nada, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.

As condições adequadas para o ambiente escolar são retratadas neste capítulo de forma concorrente e muitos afirmam que oferecer essas condições aos estudantes é sanar muitos problemas advindos da falta de estrutura.

#### **4.1 Infraestrutura escolar no Brasil**

Na busca por analisar as estruturas escolares no Brasil pode observar em documentos oficiais um estudo que esmiúça o panorama cruel no qual estão inseridos os educandos.

Um estudo da EDUDATA/INEP apresentado em (Vieira, 2015, p. 112) reflete as desigualdades sociais no tamanho das escolas no Brasil onde 30,9% das presentes na região nordeste tem uma única sala de aula, 48% na região norte sendo 8,9% na região sudeste. A diferença gritante denuncia nossas mazelas.

Observando esse cenário é imprescindível que se desenvolva políticas públicas voltadas a diminuição desse recorte. O estudo ainda apresenta a falta de água, energia elétrica, esgoto e, até mesmo sanitários. Sendo a região nordeste agraciada com os números 99,2% tem acesso a água, 81,5% energia elétrica, 87,9% a esgoto e 88,7% a sanitários.

Não conseguimos garantir direitos básicos e isso reflete o profissional, sujeito de direito e deveres que propagará valores morais e éticos de nosso país. Não podemos culpabilizar indivíduos incapazes de escrever desenhando, pintando e sonhando sua história pautada em sucesso se direitos básicos lhes foram negados.

Como manter os indivíduos nesses ambientes que lhes causam problemas de saúde?

Sobre a saúde (BERTOLOTTI, 2007, p. 17) afirma que “O principal efeito das más condições de iluminação sobre a saúde do sistema visual é a fadiga visual.” Outros problemas são relatados por outros autores com (FRANÇA, 1994, p. 53) diz que:

[...] o espécime humano nunca foi projetado para sentar: Os milhares de anos que demorou para chegar a posição ereta precisaram de uma série de adaptações a nível biológico. Para sentar, a coluna precisaria de outras tantas acomodações. Mas a civilização parece ter resolvido pagar o preço dessas horas e horas sentadas, convivendo com vários problemas de coluna. Caso a mobília seja inadequada, essa carga sobre a coluna vertebral aumenta, agravando ainda mais os potenciais problemas.

É notável o adoecimento da comunidade acadêmica desde o ensino básico. O material excessivo em vários momentos além de mobília inadequada e a falta de estudos relacionados ao clima para construção de espaços físicos potencialmente acolhedores.

Em outras escritas foi possível encontrar

#### **4.2 IMPRESSÕES REALIZADAS PELO AMBIENTE NA VIDA DOS SUJEITOS**

Durante a escrita de trabalho voltei até o lugar que estudei dos anos 1989 a 1994 e pude sentir o cheiro de alegria que ventilava ali. Vi-me brincando naqueles espaços e vi uma horta construída no campinho de baleada e barra bandeira da época. Vi uma parede que impedia as crianças de agora pularem ou caírem em um lugar que antes fazia parte de muitas algazarras.

A gestão atual me falou que iria ser construída outra sala de aula para computação, era o lugar que brincávamos de toca. Apesar das mudanças ainda há muito do que havia há 30 anos, mas me incomodei com o calor das salas hoje abarrotadas de alunos.

O que poderia aproveitar do espaço me fez ter saudades e brotar o sentimento de que valeu a pena e isso me causa preocupação uma vez que a demanda de alunos aumentou mais rápido que a construção de novos espaços escolares e a nova política emparedou os espaços para aumentar a disponibilidade de vaga o que pode acarretar aversão ao lugar e conseqüentemente aos estudos aumentando assim a evasão escolar.

Na Perspectiva psicopedagogia, antes referida, o relato mostra a profunda impressão que as primeiras experiências do espaço organizado- o espaço escolar vivido- deixaram observador, manifesta (em que tesse o redutivismo com que ela volta a memória) na identificação das estruturas arquitetônicas percebidas experimentados na infância e na acomodação psicofísica das primeiras fotos do esquema corporal - que ainda formavam uma parte de seu repertório de hábitos - a experiência vivida. (Frago & Escolano, 2001)

A narrativa compõe uma afirmação de que o espaço/ tempo não são fatos abstratos ou um passado esquecível. É possível obter sensações de cheiro, calor, reviver emoções que marcaram boa parte da vida escolar. Ao deixar marcas é necessário um cuidado com a positividade que as relações precisam gerar para que a proposta inicial de educação se perpetue ao longo dos anos.

Os autores (Frago & Escolano, 2001) na página 26 da obra não hesita em afirmar que “o espaço escolar não é apenas um “continente”” e com celeridade ele inspira na reflexão o cuidado necessário que precisamos ter pois nesse ‘continente’ não nos cabe

um pensamento de “cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar seu repertório de ações” o que nos deixa amasiado no que tange ao fazer docente observado nos dias atuais.

Permito-me inferir que na tentativa de servir ao capitalismo desumano refletimos involuntariamente um espaço escolar engessado de indivíduos que falsamente se sentem sujeitos de sua história e são respeitosamente postos em lugares sociais cômodos, prontos, acabados e mecanizados onde a reflexão de sua existência no mundo se resume a competências de padrões escalonados.

Para modificar o passado no presente é necessário construir uma história diferente desde a sua origem. Repensar o espaço escolar com uma arquitetura que seja “também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordens, disciplina e vigilância”.

A aprendizagem sensorial e motora padece de um ambiente que agregue toda “uma semiologia com diferentes símbolos, estéticos, culturais e também ideológicos”.

## **Considerações Finais**

O processo de conceituar a infância esteve intimamente ligado aos interesses e modos de vida da sociedade de cada época. Entender esse conceito e administrá-lo de forma a enfatizar essa fase da vida para melhor aproveitamento na formação cognitiva e consequentemente social foi uma das preocupações presentes nessa escrita.

As relações existentes nos ambientes que as crianças frequentam determinam boa parte de seu caráter futuro e vimos vários autores tratarem sobre isso. É possível identificar no momento da abordagem metodológica a comprovação desse estudo e fazê-lo chegar ao conhecimento da comunidade acadêmica, política e social para que se faça melhorar os ambientes nos quais colocamos as crianças com a promessa de ensiná-los a aprender, a crescer em harmonia social e permitir sua intervenção positiva na sociedade em que irá conviver.

Observar as relações que as crianças têm com o ambiente e projetar suas ações futuras embasadas nisso é um desafio que este trabalho tem a colocar e apresentar considerações viáveis.

As atividades podem ser simples, significativas e em um ambiente adequado mas, precisam proporcionar momentos que se aproximem da realidade e que possam estimular a boa vivência em sociedade unto com seus desafios e situações adversas.

O espaço educacional deve/ pode promover a feira livre onde o estudante possa comprar/vende, organizar o espaço/empreendimento, outros podem elaborar regras que deva ser cumprida nessa atividade, reuniões com investidores, etc., em fim um caleidoscópio de situações fictícia que retratem a realidade e os levem a entender seu papel social nas vivências fora da escola.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. (1993). *FILOSOFANDO, INTRODUÇÃO À FILOSOFIA* ( 2ª edição ed.). São Paulo: MODERNA LTDA.

Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.

BERTOLOTI, D. (2007). *Iluminação natural em projetos de escola: uma proposta de metodologia para melhorar a qualidade de iluminação e conservar energia.*, 150. São Paulo, Brasil.

Bozhovich, L. I., & SHUARE, M. (. (1987). Las etapas de formación de la personalidad en la ontogénesis. *La Psicología*, 250-273. Moscou: Progreso.

Caldeira, L. B. (s.d.). *O conceito de infância no decorrer da história*. Acesso em 30 de Maio de 2020, disponível em <http://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/O-Conceito-de-Inf%C3%A2ncia-no-decorrer-da-inf%C3%A2ncia.pdf>

Desporto, M. d., & Educação Fundamental., S. d. (1998). REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. *CONHECIMENTO DE MUNDO*, 3. (MEC/SEF, Ed.) Brasília, DF, Brasil: MEC/SEF.

Feitosa, R. M. (11 de Novembro de 2009). Conselho Nacional de Educação [CNE]. *Câmera de Educação Básica, Seção 1*, 14. Brasília, DF, Brasil: Diário Oficial da União.

Frabboni, F. (1998). A escola infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática. . In: M. Zabalza, *Qualidade em educação infantil*. (pp. 63-92). Porto Alegre: Artmed.

Frago, A. V., & Escolano, A. (1998). Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 7-57. (A. V. Neto, Trad.) Rio de Janeiro, Brasil: DP&A.

Frago, A. V., & Escolano, A. (2001). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A.

FRANÇA, L. C. (1994). *Caos – Espaço – Educação*. São Paulo: ANNABLUME.

GALARDINI, A., & GIOVANNINI, D. (2002). EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade.*, 117-131. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Goldemberg, J. (Maio/Agosto de 1993). *O repensar da educação no Brasil*. 7. São Paulo.

Gomes, D. (26 a 29 de Outubro de 2015). HISTÓRIA DA CRIANÇA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEPÇÕES E ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA. *EDUCERE: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*. Paraná, PR.

GOMES, D. (29 de Outubro de 2015). HISTÓRIA DA CRIANÇA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE CONCEPÇÕES E ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA. *Educere*.

Guimarães, D. d. (2006). *EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS. O Cotidiano na Educação Infantil*, 68-77. Brasília, Brasil: Salto para o Futuro.

Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed.

Matias-Pereira, J. (2019). *Manual de metodologia da pesquisa científica* (4 ed.). São Paulo: Atlas.

Moreira, A. R., & Souza, T. N. (Agosto de 2016). Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 229-237.

Moreira, A. R., & Souza, T. N. (Maio/Agosto de 2016). Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20, 229-237. São Paulo.

Mukhina, V. (1995). *Psicologia da idade pré-escolar* (1 ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa-características, usos e possibilidade. *Caderno de pesquisas em administração*, 1(3). São Paulo, SP, Brasil.

Ribeiro, S. L. (Julho/Dezembro de 2004). Espaço Escolar: Um elemento (in)visível no currículo. pp. 103-118.

RINALDI, C. (2002). Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. *Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental.*, 75-80. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

VIEIRA, E. R. (2009). A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural. Marília: UNESP .

Vieira, S. L. (2015). Estrutura e funcionamento da educação básica. 2, 128. Fortaleza, Ceará, Brasil: EDuECE.

Vigotski, L. S. (2010). A questão do meio na pedagogia. In: M. P. Vinha. São Paulo: Psicologia USP.